

DEUS-PAI Um chamado à vida

**Professor de Teologia
Sistemática no ITESP.*

*Alexandre Otten**

Resumo:

O a. apresenta a temática de Deus-Pai a partir da originalidade da relação de Jesus Cristo com seu Pai e tendo como pano de fundo a experiência religiosa de Israel ao longo de sua história. Ao mesmo tempo, numa relação dinâmica com a missão do Messias, inaugura-se o tempo do Reino que manifesta as características do Pai. Depois de apresentar o significado do filho único e as compreensões que os primeiros cristãos têm de Jesus Cristo e dentro da perspectiva do significado da ressurreição, o a. busca elucidar o sentido e os efeitos da paternidade divina no seu chamado de salvação na filiação para cada cristão. Conclui, por fim, deixando entrever a nova fisionomia do ser humano como filho deste Deus-Pai manifestado em Jesus Cristo.

Chaves:

Deus-Pai, Cristologia, Trindade,

Há muitos equívocos que envolvem a imagem que fazemos de Deus-Pai e impedem nosso acesso confiante a ele. Mas, Deus se revela como Pai não a partir das experiências que tivemos e temos com os nossos pais, mas antes, a partir da experiência que Jesus fez com este Deus. Jesus nos transmite a sua experiência, e aceitando-a na fé ela, então, se torna nossa. Assim todas as nossas imagens a respeito de Deus devem passar pelo crivo da experiência de Jesus. Mas, mesmo recorrendo à experiência de Jesus, o cristão facilmente acha que já sabe quem é este Pai e dispensa-se de um esforço maior em conhecê-lo.

Quando Jesus revela Deus como Pai, ele nos oferece um caminho para a vida. Falar do Deus de Jesus é propor um novo

jeito de ser gente num mundo de relações renovadas: uma convivência humana diferente, uma esperança por uma vida melhor, uma postura diferente diante da morte. Este caminho para a vida Jesus chamava Reino de Deus. Ter fé em Deus-Pai significa crer num mundo recriado e assumir o seu compromisso ético implícito nele.

Falar de Deus como Pai não é uma atitude exclusiva de Jesus. É comum nas religiões dirigir-se a de Deus como Pai. No entanto, na religião de Israel, na qual Jesus se criou, o título *Pai* é vetado, e quando é aplicado, ele recebe outro significado. Portanto quando Jesus chama Deus de Pai e nós somos incentivados a fazer o mesmo, há algo todo especial e novo por de trás. O presente artigo quer destacar quatro dimensões de significado que são implícitas quando nos dirigimos a Deus- Pai.

JHWH COMO PAI

Antes de tudo, a expressão *Abba Pai* com que Jesus se dirigia a Deus não identifica, como se pensa comumente, o seu relacionamento único de Filho com Deus. Mas refere-se a um projeto que leva em consideração o projeto de vida do povo de Israel.

Mesmo se na época de Jesus não se chamava Deus com frequência de Pai, o atributo de Pai estava preparado em Israel. Chamar JHWH de Pai, porém, não se faz, em Israel, por analogia à experiência humana de paternidade como o faziam as religiões cananéias, nas quais os próprios deuses geravam os seus respectivos povos. JHWH não é o divino ancestral de Israel. É por ocasião da libertação do Egito quando elege Israel como seu povo e faz aliança com ele, que Deus se torna Pai de Israel. *Assim fala o Senhor: Israel é meu filho, meu primogênito* (Ex 4,22). *Senhor, tem piedade do povo, chamando por teu nome; de Israel, a quem trataste como primogênito* (Eclo 36,17).¹

Quando, de uma maneira um tanto inusitada para os ouvidos dos seus contemporâneos, Jesus fala do Deus JHWH, ele está anunciando uma boa nova. De maneira nova e inesperada, Deus retoma o seu antigo projeto e se aproxima do povo disperso de Israel para oferecer-lhe a salvação. O projeto é chamado por Jesus de Reino de Deus, e ao Deus deste projeto ele dá o nome de Pai. É o Deus de Israel que, agora, de maneira definitiva, vem reunir o seu povo a partir das margens, dos pobres e pecadores, e como tal é chamado de Pai. Assim, nas parábolas e metáforas, ele é oferecido a todos os seus ouvintes. É Pai tanto como Deus do Israel coletivo quanto como Deus pessoal de cada membro do povo, capaz portanto, de inclinar-se a cada pessoa em amor e misericórdia.²

1 Cf. L. I. J. STADELMANN, "Deus Pai na Bíblia". *CONVERGÊNCIA*, 34 (1999), p. 569.

2 Cf. M. KARRER, *Jesus Christus im Neuen Testament*. NTD Ergänzungsreihe 11. Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 1998, p. 205.

Jesus, falando de Deus como Pai, retoma o projeto de JHWH para o povo de Israel. Anuncia o Deus que recria a vida. Aceitar o Deus-Pai significa: *conversão*. Significa reconhecer o Deus do Êxodo, isto é, o Deus que quer libertar de todas as escravidões instituindo uma convivência humana alternativa. Aceitar Deus como Pai significa entrar num mundo de relações novas que Jesus inaugura, é entrar num projeto societário onde, primeiro, todo o Israel a começar desde os últimos, e, depois, todos os homens e mulheres formam uma só família de irmãos e irmãs.

DEUS COMO PAI DO MESSIAS

A paternidade de Deus lembra, como vimos, o Deus da *eleição*, do *êxodo* enquanto quer criar, a partir do dom da vida, um povo diferente. Quem, de modo exemplar, assume e realiza este projeto, pode ser chamado de *filho*. É tradição em Israel que o messias como realizador do projeto de Deus seja chamado *filho* de JHWH. *Tu és meu filho, hoje eu te gerei* (Sl 2,7), assim fala JHWH por ocasião da entronização do messias-rei.³ Assim também, por razão de seu ministério messiânico, Jesus é chamado de *filho de Deus*.

3 Cf. a profecia de Natã: *Serei para ele um pai e ele será um filho para mim* (1 Sm 7,14).

4 Cf. J. ROLOFF, *Die Kirche im Neuen Testament*. NTD Ergänzungreihe 10. Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 1993, p. 47.

5 Cf. Códice D, versões latinas e sírias.

Jesus se entende como mensageiro definitivo da ação escatológica de Deus. Seu ministério, ele o vê como manifestação da própria vontade salvífica de Deus em recriar Israel. O desafio que Jesus lança ao povo é decisivo para o futuro de Israel.⁴ Assim Jesus exerce uma missão, de fato, messiânica, mesmo se evitou expressar pretensões deste gênero. Mas, depois da Páscoa, a comunidade dos discípulos o reconhece como tal e projeta esta percepção sobre todo o ministério pré-pascal de Jesus. Assim, a hora do batismo na tradição do Sl 2,7 torna-se ato de instituição messiânica: *Tu es meus filho, hoje eu te gerei* (Lc 3,22).⁵ A relação na qual Deus como Pai chama Jesus de Filho aponta, portanto, para um contexto messiânico-escatológico. Deus adota e proclama Jesus Messias, pois o constitui realizador do seu projeto, o Reino de Deus.

Jesus, agora, confere ao Deus do Reino — o Pai — traços bem peculiares não obstante estar enraizado nas tradições de Israel. O Pai é um Deus que confere vida além de todas as barreiras e fronteiras. Deus-Pai, no fim, com sua glória e poder, com misericórdia e bondade, vencerá todo o mal e toda dor, todo tipo de morte, a fim de que todas as suas criaturas, não obstante serem fracas e mortais nesta terra, sejam salvas para a eternidade. Esta esperança Jesus compartilha com a profecia do Antigo Testamento: se Deus assumir o reinado sobre a terra, se for rei, o ser humano estará salvo (Is 61,1s.).

Jesus prevê a vitória definitiva da justiça divina sobre a injustiça, do perdão sobre o pecado, do amor sobre o ódio, da vida sobre a morte. Esta esperança deita raízes profundas na fé de Israel. Somente por que Deus *é o único Deus* (Dt 6,4), somente por que ele é poderoso e fiel, *lento para a cólera e cheio de amor* (Ex 34,6), pode existir aquela *esperança contra toda esperança* (Rm 4,18), da qual o anúncio de Jesus dá testemunho. Por que Jesus sabe na fé que uma justiça abrangente pressupõe a eliminação de toda injustiça, ele anuncia o juízo de Deus (Mt 25,31-46). Como sabe que o pecado não pode ser ignorado ou preterido, mas deve ser perdoado, ele acredita na graça de um Deus, que mergulhou profundamente na história da dor humana. Como sabe que o ódio é capaz de destruir toda a vida, ele aposta na bondade de um Deus que *suporta tudo* (1Cor 13,7) para transformá-lo com sua *com-paixão*. Como sabe que a morte é o maior inimigo de Deus (cf. 1Cor 15,26), investe tudo num *Deus dos vivos*, que ressuscitará os mortos (Mc 12,18-27).

Jesus sabe que o reinado de Deus a serviço da felicidade plena do gênero humano não pode ser realizado na nossa história. Como os fariseus, essênios, apocalípticos e mesmo zelotas têm por certo, que a morte não coloca limites às possibilidades de Deus, que há um futuro além de todo futuro, um céu e uma terra além deste céu e desta terra, uma eternidade além da história, um mundo de Deus além desta criação: o Reino de Deus consumado. Com o Profeta Daniel anuncia o início de uma nova história profetizando um juízo final e uma nova criação: *E verá o Filho do Homem vindo entre as nuvens com grande poder e glória* (cf. Dn 7,13-14) *e ele enviará seus anjos e reunirá seus eleitos, dos quatro ventos, da extremidade da terra à extremidade do céu* (Mc 13, 26s).⁶ Mas o Novo se faz presente na velha história e, deste modo, Jesus vê sua missão em reunir, a modo do Filho do Homem, os dispersos de Israel.

Se a plenitude do reino é futura, isto não significa que a salvação da vida humana foi adiada para um futuro distante. Para Jesus o futuro começou. O mundo novo irrompe no velho. Esta nova presença benfazeja de Deus já está atuante no dia-a-dia de Israel. Assim na missão de reunir o povo Jesus não se dirige apenas para os justos, mas também e sobretudo aos pecadores (cf Lc 15), não só para os sãos, mas também e sobretudo aos doentes. Ela não é condicionada e não depende de méritos humanos. Ela é gratuidade, iniciativa livre de um Deus que quer salvar a todos e, por isso mesmo, começa a partir dos esquecidos e excluídos. Deus começa reunir seu povo desde as margens. A visão de Jesus é que na consumação do

6 Cf. T. SÖDING, "Die Vision Jesu' Jesus, der Christus(46)". Em *CHRIST IN DER GEGENWART*, 24 (2001) p. 207.

Reino todo o Israel será salvo (Rm 11,26) e que também os pagãos serão convidados para o banquete escatológico do Reino (cf. Lc 14,15-24).

Assim, a presença e futuro do Reino se entrelaçam no ministério de Jesus. O futuro já age no presente quando ele cura doentes, expulsa demônios, perdoa pecados e enxuga as lágrimas. Isto não é a promessa de um paraíso na terra, mas o anúncio de uma nova terra. O Reino *já aqui* é sinal e promessa do Reino *ainda não*. Cada presença do Reino nos remete a um futuro de Reino ainda maior, não para relativizarmos ou menosprezarmos esta vida, mas para continuarmos fiéis a este *Deus sempre maior*, cujo amor pela sua criação é inimaginável e cujas possibilidades de criar vida são ilimitadas, e para acreditarmos em suas invenções de misericórdia e bondade em nosso favor que sobrepujarão, de longe, as experiências de salvação que até agora fizemos.⁷

7 Cf. T. SÖDING, “Die Frohe Botschaft Jesu’ Jesus, der Christus (47)”. Em *CHRIST IN DER GEGENWART*, 25 (2001) p. 215.

A presença do Reino, como também seu futuro, estão ligados à pessoa de Jesus. É ele que o anuncia, que reúne Israel, que cura os doentes e expulsa os demônios; é ele o representante do Reino, o mediador da salvação, é ele a figura messiânica, é ele quem está executando o projeto de Deus. Assim a estrutura Pai-Filho está sendo aplicada em função da missão de Jesus. O seu ser filho expressa, desta forma e antes de tudo, a *unidade operacional* que existe entre Deus e ele: ele está executando o projeto de Deus, o Reino. Falando de Deus como Pai e de Jesus como Filho não podem ser preteridos a realidade do Reino, sua utopia e ética, o grande projeto deste Deus da Vida que vai além de todas as mortes. Quem fala de Deus-Pai não pode se esquecer do Reino, e ser filho significa entrar no projeto do Pai.

JESUS COMO ‘FILHO ÚNICO’

A partir da morte e ressurreição de Jesus podemos falar de uma terceira dimensão da paternidade de Deus e da filiação de Jesus. Nesta dimensão emerge seu significado mais eminente. Jesus é reconhecido filho de uma nova maneira que sobrepuja a todas as anteriores. É reconhecido agora *filho único* ou *filho unigênito* de Deus Pai. Esta maneira está ligada ao mistério da morte e ressurreição. Jesus é reconhecido filho de uma maneira mais íntima, e, ao mesmo tempo, de alcance maior.

Lembrados do anúncio de Jesus da iminente chegada do Reino e sob as impressões da abundância de vida, experimentada já na convivência com ele, Pedro e os Doze, na Páscoa, têm certeza de que finalmente começou o Reino de Deus, a

plenitude dos tempos, a realização das promessas feitas a Israel, enfim a *vida plena*.⁸ Deus, ressuscitando Jesus da morte, começou a criar o Novo Mundo. O humilhado e excluído pelos judeus é exaltado por Deus e instituído Messias, Cristo. Os discípulos vêem-se envolvidos neste evento, sentem-se atingidos por esta obra surpreendente de Deus. A ressurreição de Jesus lhes confere uma nova identidade.

8 Cf. W. BRUNERS, *Und die Toten laufen frei herum*. Düsseldorf, Patmos, 1993, p. 28.

A ressurreição afeta e transforma as suas vidas. Estas foram recriadas, sinal do agir escatológico de Deus.⁹ São Paulo bem descreve esta nova identidade: *Se alguém está em Cristo, é nova criatura. Passaram-se as coisas antigas; eis, que se fez uma realidade nova* (2Cor 5,17). A nova criação em Jesus ressuscitado se torna o conteúdo maior do seu anúncio, é a obra escatológica de Deus que deve ser conhecida e reconhecida por todo o Israel como também pelos pagãos. O anúncio gera também uma comunhão inusitada entre eles como Atos relata: *Eles se mostravam assíduos ao ensinamento dos apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações. Apossava-se de todos o temor, pois numerosos eram os prodígios e sinais que se realizavam por meio dos apóstolos. Todos os que tinham abraçado a fé reuniam-se e punham tudo em comum: vendiam as suas propriedades e bens, e dividiam-nos entre todos, segundo as necessidades de cada um. Dia após dia, unânimes, mostravam-se assíduos no Templo e partiam o pão pelas casas, tomando o alimento com alegria e simplicidade de coração. Louvavam a Deus e gozavam da simpatia de todo o povo.* (2,42-47; cf. 1,14; 4,32-35; 5,12-16). E a nova vida em comunhão, com força escatológica, atravessa as fronteiras derrubando as barreiras sociais, de classe, gênero, religião: *Não há judeu nem grego, não escravo nem livre, não há homem nem mulher; pois todos vós sois um só em Cristo Jesus* (Gl 3,28). E toda esta experiência de nova identidade, nova criação em Jesus e por Jesus, é obra do Espírito de Deus: *Pois fomos todos batizados num só Espírito para ser um só corpo, judeus e gregos, escravos e livres; e todos bebemos de um só Espírito!* (1Cor 12,13).¹⁰ No Espírito Jesus ressuscitou, no Espírito eles o vêem ressuscitado, no Espírito eles criam comunidade. O Espírito é o ator da nova criação, da ressurreição de Jesus, da sua fé no Ressuscitado, da vida nova em comunhão além de todas as fronteiras. O Espírito é o dom escatológico de Deus que a partir da ressurreição foi derramado sobre eles. Por meio de Jesus ressuscitado são o que são. Na morte e ressurreição de Jesus os discípulos se experimentam inundados pela vida divina.

9 Cf. H. KESSLER, "Christologie". Em Th. SCHNEIDER, (Ed.), *Handbuch der Dogmatik*. Düsseldorf, Patmos, 1992. Vol. 1, p. 284.

10 Cf. K. WENGST, "Perspektiven für eine nicht anti-jüdische Christologie". Em *EVANGELISCHE THEOLOGIE*, 59 (1999) 4, p. 243.

nidades estão fazendo depois da ressurreição possibilita tal confissão não obstante que aparentemente as condições de injustiça, opressão e dor continuem. Deus não justifica o anúncio e a prática de Jesus enquanto faz irromper a salvação e o juízo do Reino, mas enquanto justifica e exalta seu mensageiro tornando-o fonte da vida nova. Jesus é o Reino em pessoa. Foi um passo muito ousado identificar Jesus com o messias. Para o Judaísmo o messias era uma figura do futuro, abstrata, ademais vencedora. Mas para a comunidade cristã o messias recebeu os traços de Jesus. A comunidade que confessa o Messias Jesus dá testemunha de plenitude de vida que brota da experiência do Crucificado ressuscitado.

Jesus entronizado como Messias, Cristo, irradia como tal uma nova fascinação. É tido como lugar da salvação, lugar da presença de Deus. Jesus se torna medida e ponto de referência de todas as idéias salvíficas disponíveis: Ele é a Nova Lei, o Novo Templo, a Nova Aliança, etc. E não só isso! Afirmando que Jesus agora é a Salvação, o Salvador é só uma questão de tempo para que se coloque a pergunta a respeito da identidade pessoal deste Jesus em quem chegou a salvação de Deus. A resposta a esta pergunta desencadeia a Cristologia. Os primeiros cristãos reconhecem-no conseqüentemente como da esfera de Deus, pois somente Deus mesmo pode salvar.¹¹

A aplicação dos mais diversos títulos cristológicos é questão de poucos anos.¹² Ao título Messias são acrescentados os do Filho do Homem, do Profeta escatológico e da misteriosa Sabedoria. Como em Jesus se realizaram as esperanças depositadas nestas figuras mediadoras de salvação, se aplicam a ele as expressões salvíficas inerentes. Jesus é tudo isso e proclamado único mediador salvífico. A aplicação do título e da função do Filho do Homem foi de grande alcance. O Filho do Homem é um figura celestial, que pertence ao mundo de Deus. A aplicação do título a Jesus lhe confere posição especial: Jesus é o homem cuja pátria e domínio é o céu. Neste sentido, o fato de Jesus ser identificado com o Filho do Homem conduz à aplicação da categoria da pré-existência e do título da sabedoria. E daí o caminho está aberto para ver nele o Filho único. A aplicação de categorias sapienciais possibilitou a fala de Jesus como *o Filho*. Em Mt 11, 25-30 encontramos o entrelaçamento das duas categorias, Jesus como *o Filho* e a *sabedoria*: *Eu te louvo, o Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e doutores e as revelaste aos pequeninos. Sim, Pai, porque assim foi do teu agrado. Tudo me foi entregue por meu pai, e ninguém conhece o Filho senão o Pai, e ninguém conhece o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho quiser revelar. Vinde a mim todos os que estais cansados sob o peso do vosso fardo e eu*

11 Cf. J. LOIS, *Jesus de Nazaret, el Cristo Liberador*. Madrid, Hoac, 1995, pp. 271-272.

12 Cf. L. SCHENKE, *Die Urgemeinde. Geschichtliche und theologische Entwicklung*. Stuttgart-Berlin-Köln, Verlag W. Kohlhammer, 1990, pp. 118-123.

vos darei descanso. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração e encontrareis descanso para vossas almas, pois meu jugo é suave e meu fardo é leve. Jesus é chamado *o Filho*, aquele que está num relacionamento exclusivo com o Pai. Este relacionamento é a razão porque só ele, e ninguém outro, revela o Pai.

Sendo Jesus o único revelador do Pai, isto é *o Filho*, e ainda de condição celeste, pré-existente (Filho do Homem, Sabedoria) faz-se mister pensar a sua passagem da existência celeste para a terrena. Fala-se então do seu envio, da sua encarnação. Diz Paulo: *Quando, porém, chegou a plenitude do tempo, enviou Deus o seu Filho...* (Gl 4,4) e em João Jesus chama o Pai apenas como *Aquele que me enviou* (Jo 4,34; 5,37; 6,38.39.44; 7,16; 8,16; 9,4 etc.).¹³ E o envio tem a conotação de entrega do Filho pelo Pai. Deus *nos deu, nos entregou seu Filho* para que nós nos tornássemos filhos. Assim Paulo em Gl 4,4-7 liga o envio do Filho à nossa filiação: *Quando, porém, chegou a plenitude do tempo, enviou Deus o seu Filho, nascido de uma mulher, nascido sob a Lei, para remir os que estavam sob a Lei, a fim de que recebêssemos a adoção filial. E porque sois filhos, enviou Deus aos nossos corações o Espírito do Filho, que clama: Abba, Pai! De modo que já não és escravo, mas filho. E se és filho, és também herdeiro, graças a Deus.* Em João observamos também a nossa filiação ligada ao envio do Filho, do Verbo: *A todos que o receberam, aos que crêem em seu nome, ele deu o poder de se tornarem filhos de Deus. Esses não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus* (Jo 1,12-13).¹⁴

Foi um processo de contemplação e reflexão que fez os primeiros cristãos, após Páscoa, entenderem que Jesus é Filho de Deus de uma maneira inédita, exclusiva, e, ao mesmo tempo, que eles mesmos foram agraciados com a mesma condição. O Filho de Deus deu-lhes a condição de serem *filhos e filhas e co-herdeiros de Deus*. Podemos, então, dizer que o processo cristológico pós-pascal quando aplica a Jesus os altos títulos como Messias, Filho do Homem, Sabedoria, Filho único e categorias míticas como pré-existência, envio, encarnação, quando faz os discípulos partícipes da mesma condição, recorre, explicita e assegura a experiência pascal. A vida abundante que parte do ressuscitado e na qual os cristãos se sentem envolvidos e participantes é salvação divina, é presença Deus, é filiação divina. Ser filho ou filha de Deus significa fazer parte da experiência de Páscoa e tê-la como nova razão de viver: *De fato, pela Lei eu morri para a Lei, a fim de viver para Deus. Fui crucificado junto com Cristo. Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim. Minha vida presente na carne eu a vivo pela*

13 Cf. J. VITÓRIO, “Eu e o Pai somos um’ (Jo 10,30). Os fundamentos de uma espiritualidade cristã”. Em *CONVERGÊNCIA*, 34 (1999), pp. 610-630.

14 Cf. L. SCHENKE, o. cit., pp. 116-156, 317-347.

fê no Filho de Deus que me amou e se entregou a si mesmo por mim (Gl 2, 19-21).

Páscoa revela a filiação divina de Jesus fazendo com que os discípulos se tornem conscientes e partícipes dela. Mas, esta nova consciência deita raízes no ministério de Jesus. A experiência da presença vivificante de Deus no Ressuscitado encontra correspondência na memória preservada do tempo pré-pascal. Em Jesus os discípulos encontraram o protótipo da pessoa que *fez com que Deus reinasse e agisse no mundo*. Para eles, Jesus como ninguém entendeu o projeto de Deus. Como ninguém ele falou deste Deus chamando-o de Pai. A presença do Pai celeste era tão forte na consciência deste homem que, em seus ensinamentos, eliminava ou afastava toda a paternidade humana. Ele concentrava a relação filial própria e a de seus discípulos no Pai celeste. O relacionamento de Deus com os homens é como de pai para filhos (Cf. Mc 3, 31-35).¹⁵ A sua extraordinária consciência de ser o enviado do Pai revela certamente um relacionamento muito próximo entre Deus e seu mensageiro. Assim o mistério da pessoa e da missão de Jesus apontam para uma relação única entre Pai e Filho baseada na e a serviço da comunicação da vida.

Páscoa, porém, é entendida como o ponto culminante da filiação. Nela este viver de Jesus a partir do Pai em direção ao ser humano necessitado encontra seu auge. Na morte, a vida concreta de Jesus se torna explicitação máxima da essência de Deus. É o ponto alto da auto-revelação de Deus, da revelação de Jesus como Filho. Na entrega a Deus e aos homens Jesus permite a Deus revelar-se como amor que se doa aos homens sem restrições: *Se Deus está conosco, quem estará contra nós? Quem não poupou seu próprio filho e o entregou por nós, como não haverá de agraciá-nos em tudo junto com ele?* (Rm 8,31-32). Enquanto Deus entrega a nós o seu Filho e ama a nós mais do que a este — *Deus amou tanto o mundo, que entregou o seu Filho único...* (Jo 3,16) — ele se revela como nosso Pai e nos assume como seus filhos e filhas. É este evento de máximo amor divino que irrompe no dia da Páscoa ressuscitando Jesus e revelando-o como Filho como também ressuscitando a nós para uma vida nova de filhos e filhas adotivos do Pai.

DEUS-PAI QUE NOS CHAMA PARA SERMOS FILHOS E FILHAS

Com isso chegamos a uma quarta dimensão — soteriológica e escatológica — de falar de Deus como Pai e do ser humano como filho ou filha. Ela emana do relacionamento único que

15 Cf. M. KARRER, o. cit., pp. 204, 206.

existe entre Jesus e Deus revelado na morte e ressurreição. O Ressuscitado estende o apelativo 'Pai' ao uso dos seus discípulos, que a partir do mesmo momento ele chama de irmãos: '... meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus' (Jo 20, 17). A relação messiânico-filial com o Pai estende-se sobre aqueles que doravante são, de pleno direito, seus irmãos.¹⁶

A experiência que Jesus tem do seu Pai como amor sem restrições e vida sem limites nos é doada. Esta experiência positiva de Deus como Pai inaugura e abre novas e inimagináveis possibilidades de vida para os filhos e filhas adotivos. O Ressuscitado nos chama à liberdade dos filhos e filhas de Deus. A mera linguagem de chamar Deus de Pai já insinua que barreiras caíram. Se o judaísmo antigo reprimia o chamar Deus de Pai, por medo das influências naturalistas, do baalismo ou das idolatrias circunvizinhas, com Jesus chegou o tempo da liberdade dos filhos (Gl 4,6-7; Jo 8,32-36). Chamar Deus de Pai é sinal da libertação escatológica.¹⁷

A liberdade dos filhos e filhas de Deus, porém, é um dom a ser conquistado. Chamar em Israel Deus de Pai já era um caminho árduo, um êxodo, uma conversão. JHWH não é Pai de quem brota a existência dos homens de maneira natural. Frente às cosmogonias orientais, a criação é desligada de todo matiz de nascimento. JHWH transcende os atributos de caráter sexual, não é casal masculino-feminino, não é família em que existem pai, mãe, filhos. Como não há nenhum tipo de teogonia, em Israel o surgimento do mundo é interpretado a partir da vontade ou palavra criadora de Deus. Os israelitas superaram a identificação original com o cosmos e com a natureza, e isso significa que se tornam independentes do pai original. Na luta contra os cultos baálicos o Deus JHWH os chama ao êxodo do seio original de um Deus-pai ou Deus-mãe, chama-os à verdade da realização humana situando-os no âmbito de uma aliança e pondo-os em marcha para um futuro distinto do passado. JHWH é Deus de um Mundo Novo e gera o ser humano, enquanto o chama a sair das estruturas dadas e a aventurar-se em relacionamentos novos. Por isso é chamado de Pai.¹⁸

Quando Jesus chama Deus de Pai, ele está em continuidade com a experiência do povo de Israel. Não foi um ato óbvio e gratuito quando o fez. Mas foi uma aventura, um risco. A miséria deste mundo faz-nos acreditar em outros deuses que usam e legitimam violência, que exigem sacrifícios e fazem pactos com a morte. Contra esta sombra escura Jesus sustenta que Deus é profundamente bondoso e favorável à vida humana. Como outrora Jacó, ele luta pela benção prometida: *Confrontado com a ambigüidade em que a nossa experiência da realidade costuma colocar Deus ou melhor a imagem que erro-*

16 J. KONINGS, "Deus, Pai: que significa?". Em *PERSPECTIVA TEOLÓGICA*, 34 (1999) p. 319.

17 Cf. J. KONINGS, o. cit., p. 320.

18 Cf. X. PIKAZA, *Los orígenes de Jesús. Ensayos de Cristología bíblica*. Salamanca, Sigueme, 1976, pp. 104-108.

neamente dele fazemos, ele apostou no Deus 'bondoso'. Não devemos achar isso tão óbvio e fácil, pois o discurso sobre o pai amoroso tornou-se hoje excessivamente rotineiro ... Assim, praticamente não percebemos mais que uma confiança como a experimentou Jesus implica em constante revolta contra a experiência da realidade que nos oprime. Não é sem razão que, segundo o evangelho de Marcos, Jesus morre com o grito: 'Meu Deus, por que me abandonaste?' Mas só no reconhecimento desta inevitável tensão a fé de Jesus conserva a sua força, se torna impulso par arriscar o contraprojeto de um mundo novo, de uma vida nova.¹⁹

19 Cf. P. HOFFMANN, *A herança de Jesus e o poder na Igreja. Reflexão sobre o Novo Testamento*. São Paulo, Paulinas, 1998, p. 35.

Ter fé num Deus bondoso contra toda a aparência do mundo significa não aceitar o mundo tal qual ele se instalou. E esta fé profunda no Pai se tornou a força motriz do Reino, da reunião escatológica de todo o Israel. Para os discípulos de Jesus esta intimidade dele com Deus-Pai se tornou não só exemplo, mas última norma e única base da vida cristã. Jesus convida a todos entrarem neste relacionamento que capacita para uma nova forma de vida.

O relacionamento íntimo e filial com Deus consegue mover os crentes para novas formas de comportamento justamente naqueles pontos nevrálgicos em que eles reproduzem e fixam os modelos de comportamento social antigos comandados por medos, traumas e desconfianças. Deus experimentado como Abba-Pai liberta do medo profundamente enraizado perante a vida e a divindade, liberta da preocupação angustiada pela própria vida, da vontade desmedida do poder e da posse como se estes garantissem a vida (cf. Lc 12,15.16-21; Mt 6, 19-21.25.26-34 par; Mc 10,17-22.23-25 par), liberta da escravidão da lei como se o seu cumprimento acumulasse méritos que garantem a justiça diante Deus.²⁰

20 Cf. H. KESSLER, o. cit., pp. 278-279.

Observamos que a expressão simbólica judia tradicional *Deus, nosso pai* ganhou em densidade. Jesus *fala do bondoso 'abba', como os filhos e filhas tratam despreocupadamente o seu pai na linguagem familiar do dia-a-dia. Com isso justamente não põe em cena a autoridade patriarcal do chefe de família ou dominador que estava associada com o nome do pai. Este modo de falar também não implica uma perpétua subordinação ou infantilidade. Lembra, antes, aquela 'experiência elementar' de acolhedora dedicação dos seus pais, apoiada na ternura maternal e na força paterna... Portanto, o Deus de Jesus procura regenerar desde os fundamentos a relação do homem para com ele e com o próximo, levando-o a experimentar aquela aceitação que o homem precisa para aceitar-se a si mesmo e os outros. Mas agora isso não ocorre mais somente na fase da imediatez infantil, e sim no horizonte de uma longa história de vida, em*

*vista da experiência do fracasso, da culpa e da impotência, como oferta de uma relação nova e consciente com este pai.*²¹

21 Cf. P. HOFFMANN, o. cit., 1998, pp. 23-24.

Deus se faz Pai enquanto suscita um novo ser humano sensível e responsável no meio de um mundo marcado pela desumanidade. É precisamente Pai quando consegue que os homens e as mulheres sejam diferentes e independentes do fluir vital, da ordem natural e social, quando renascem uns para os outros, para a comunhão. Assim o Pai gera filhos e filhas, irmãos entre si.²² A fé filial em Deus como Pai, portanto, se apresenta como chamado para a liberdade, para um lento e profundo processo de ressocialização capacitando os cristãos para uma convivência nova, para a solidariedade para com os últimos, os marginalizados e esquecidos.²³

22 Cf. X. PIKAZA, o. cit., p. 120.

23 Cf. H. KESSLER, o. cit., pp. 403-404.